

AS LUTAS POLÍTICAS ATUAIS: BALANÇO E PERSPECTIVAS*

O contexto sócio-histórico que envolve as lutas políticas atuais é marcado por uma situação de crise convivendo com uma organização e aglutinação das forças políticas direitistas, com a desarticulação das expressões das classes auxiliares (socialdemocracia) e com a reconquista vagarosa e subterrânea de espaço pelo movimento operário e revolucionário.

Esta situação é mundial e se reflete no Brasil. A crise econômica brasileira convive com o fortalecimento da direita e a desarticulação da pseudoesquerda. O processo eleitoral comprova isto. A vitória de FHC e o predomínio das forças de direita no parlamento é uma demonstração da força de força da classe dominante. O plano real foi arquitetado com objetivos puramente eleitorais e sua eficácia se sustenta por um curto período de tempo. O processo inflacionário e a desvalorização do real é questão de tempo. A ação do governo buscou conter a “implosão” do plano até o encerramento das eleições do 1º e 2º turno, mas após as eleições “nada será como antes”. O governo FHC será como qualquer outro governo direitista.

Os reformistas (PT, PC do B, PSTU etc.) foram derrotados eleitoralmente nas eleições presidenciais e tiveram pouco crescimento, tendo-se em vista as possibilidades existentes no início do ano, nas eleições proporcionais e para governador. A derrota de Lula apresenta dois aspectos: por um lado, é prejudicial à luta operária, pois sua vitória levaria ao fim da ilusão petista e ao confronto entre movimento operário e burocracia partidária e sindical do bloco reformista, por outro lado, é benéfico à luta dos trabalhadores porque impede a corrupção e a integração de segmentos sociais pelo neopopulismo petista aquartelado no estado capitalista. Temos que ter em vista a situação atual e por isso deixaremos de lado as consequências prováveis de uma vitória petista e trataremos dos possíveis efeitos de sua derrota parcial.

O PT perdeu a sua grande oportunidade eleitoral, isto reforça o desânimo de sua base, provocado pela derrocada do leste europeu e pela burocratização

* Editorial da Revista Ruptura nº 3, lançada em dezembro de 1994.

crecente de seu partido. A consequência imediata disto é o fortalecimento da burocracia partidária e a continuação do processo de direitização do PT. Assim, cairá a máscara do neopopulismo petista e poderemos ver, então, o PT Genuíno, que é o PT do Genuíno.

O PSTU, o alter ego do PT, continuará em sua ambiguidade entre o reformismo e o leninismo, entre o democratismo (burguês) e o autoritarismo (burocrático). O PSTU possui uma forte tendência de assumir seu lado reformista, por uma série de motivos: falta de projeto político próprio, falta de uma estratégia revolucionária, o peso do passado da maioria dos seus militantes (acostumados com práticas políticas autoritárias e com todos os outros vícios do leninismo e trotskismo), etc.

Por conseguinte, as “esquerdas” institucionais ameaçam se pulverizar e assim, abrem espaço para a formação de uma alternativa revolucionária que pode aglutinar os segmentos revolucionários da nossa sociedade. A crise mundial e a brasileira, em particular, abrem espaço para a radicalização da luta política e para o fortalecimento das forças revolucionárias. É por isso que o Movimento Conselhistas deve, a partir de agora, se fortalecer, abrir novos contatos, divulgar suas ideias mais amplamente e se expandir a nível nacional.

Em meio à crise da sociedade burguesa e ao desgaste da oposição “bem-comportada” e integrada nela, cabe ao Movimento Conselhistas apresentar-se como alternativa política que busca expressar os interesses políticos do proletariado.